

# TRANSDICIPLINARIDADE DOS CONHECIMENTOS DA MUSICOTERAPIA NAS RELAÇÕES DE AJUDA

**Aparecida Camargo<sup>1</sup>**

*Há canções e há momentos  
Em que a voz vem da raiz,  
Eu não sei se quando triste  
Ou se quando sou feliz  
Eu só sei que há momentos  
Que se casa com canção  
De fazer tal casamento  
Vive a minha profissão*

*(Canções e momentos, Milton Nascimento e Fernando Brant).*

## RESUMO

A capacidade auditiva é seletiva, é impossível fechar os ouvidos e células para o som, pois ao tocar o corpo o som o faz por inteiro e a interpretação do cérebro ocorre segundo a experiência pessoal de cada sujeito. A Música exerce influência direta sobre um indivíduo ou grupo, na sua saúde, na forma como se relaciona e age, sendo assim, independente do contexto em que é utilizada, e em especial como terapia adquire lugar de destaque. A Musicoterapia, ciência transdisciplinar, que reúne conhecimentos de Música e seus elementos (ritmo, harmonia, melodia, silêncios etc.) e terapia (Psicologia, Neurologia, Psicoacústica e outros), é o que qualifica o profissional a utilizar a Música durante o processo terapêutico com o objetivo de promover mudanças e melhorar a qualidade de vida, “musica como terapia”. Este trabalho objetiva discutir o papel do musicoterapeuta na qualificação de profissionais de outras áreas do conhecimento que utilizam “Música em terapia” nas relações de ajuda, que incluem terapeutas verbais, educadores, massoterapeutas, terapeuta ocupacional entre outros – auxiliando-os a perceber o poder da Música em acessar conteúdos inconscientes, promovendo nestes profissionais uma consciência ampliada acerca de seu uso, demonstrando a gravidade que reside na inadequação, ou desconhecimento ao utilizar a música, e a perceber as respostas emocionais que a Música possibilita na modalidade própria do âmbito de atuação destes profissionais.

Palavras chaves: “musica como terapia”; musica em terapia:, transdisciplinaridade; relações de ajuda

---

<sup>1</sup> Aparecida Camargo, CPMT-203/07, Musicoterapeuta formada pela FAP, desde 2002; massoterapeuta formada pela ETUFPR, desde 2009: em formação Musica produção sonora, pela UFPR, atendo em consultório particular desde a formatura tanto em Musicoterapia a todos os públicos e agora também como Massoterapeuta.

## **ABSTRACT**

Transdisciplinarity of music therapy knowledge in helping relationships.

Auditory capacity is selective. It is impossible to close one's ears or cells to sound, as on touching the body, sound penetrates completely and the brain interprets it according to each individual's experience. Music exerts a direct influence on individuals and groups – on health and on how they interact and act, this being the case independent of the context in which it is used, acquiring a special status especially in the case of therapy. Music therapy is a transdisciplinary science, which blends knowledge of music (rhythm, harmony, melody, silence etc) and therapy (Psychology, Neurology, Psycho-acoustics, and others) and which qualifies the professional to use music during the therapeutic process with the objective of promoting changes and improving the quality of life, that is, 'music as therapy'. This work aims to discuss the role of music therapy in the qualification of professionals in other areas of knowledge which use 'music in therapy' in helping relationships (these include, among others, speech therapists, educators, massage therapists, and occupational therapists) – helping them to understand the power of music to access subconscious content, promoting among these professionals a wider awareness concerning its use, demonstrating the seriousness of insufficient or non-existent knowledge of how to use music, and letting them perceive the emotional responses which music permits in the areas of these professionals.

Keywords: "music like therapy", music in therapy, transdisciplinarity, relationships

## **1. INTRODUÇÃO**

O escrever sobre este tema, surgiu da percepção da necessidade de introduzir um pensar sobre o uso da música em outros ambientes terapêuticos, sem objetivos musicoterápicos, porém com objetivo de ajudar o cliente a promover mudanças pessoais. A percepção de que a música hoje e sempre permeia a vida humana e muito especialmente as relações de ajuda, assim tendo a musicoterapia como uma área de conhecimento transdisciplinar, onde prima pelo caráter de ser uma ciência composta e permeada pelo conhecimento de diversas outras disciplinas.

Possui, segundo BRUSCIA, 2000 "uma diversidade incrível de aplicações, objetivos, métodos e orientações teóricas; ela é influenciada por diferenças culturais; como disciplina e profissão ela possui dupla identidade e, como um campo novo, ainda está em processo de formação", "... é a

combinação dinâmica de muitas disciplinas em torno de duas áreas, música e terapia” (pg.8), vai além da música e além da terapia, pois é transdisciplinar, o resultado da união destas duas ciências. Estes fatos fazem dela um instrumento perfeito na relação com outros saberes, assim o MUSICOTERAPEUTA necessita fazer sua parte levando os seus conhecimentos mediante trabalhos na sociedade como um todo, não mais somente em consultórios ou ambientes de saúde e sim usando os conhecimentos de nossa área para facilitar e/ou ampliar outras áreas de trabalho que tem o uso da música no âmbito de “MUSICA EM TERAPIA”.

RICARDO OLIVEIRA, na obra “MUSICA, SAUDE E MAGIA” diz que: “Atualmente, a música tem sido incorporada a diversas técnicas psicoterapêuticas, principalmente aquelas que trabalham com estados “alterados de consciência”, utilizam na pelos seus efeitos evocativos, de indução ao transe, de desenvolvimento do foco de atenção de integração, e contato com as dimensões emocionais e afetivas, com o inconsciente coletivo e matrizes peri-natais” (OLIVEIRA, MUSICA SAUDE E MAGIA, p. 251)

Temos ainda na obra “Música e Psique” “Uma vez que esse movimento moderno de música e psicoterapia – ou de música e de seu efeito holístico sobre a vitalidade humana – está diretamente relacionado com os antigos sistemas musicais mágicos e alquímicos”. (o.c. p 21)

Os terapeutas e profissionais da área das relações humanas, em especial em relação de ajuda, usam a música, sendo esta a música, um objeto intermediário às técnicas para as quais está habilitado, isto é “Música em terapia”.

A música é um instrumento facilitador de sua técnica terapêutica, um grande numero destes terapeutas utilizam musicas gravadas em cd’s.

Tendo a transdisciplinaridade como meta, e compreendendo ser esta o respeito pelo ser do outro, é possível, segundo o artigo 14 da redação do comitê sobre transdisciplinaridade, no convento de Arrábida onde ficou estabelecido em 6 de novembro de 1994, que “o saber compartilhado deve levar a uma compreensão compartilhada fundamentada no respeito absoluto às alteridades, unidas pela vida comum numa só e mesma terra”, em nosso caso

a terra da música seus elementos e as mudanças que estes proporcionam aos que se colocam em contato com ela.

A música como os sonhos é uma linguagem de acesso ao inconsciente por seus significados simbólicos, usados desde sempre em todas as culturas por pajés e xamãs, sacerdotes e curandeiros, nos seus diagnósticos e prática terapêutica, assim como o toque terapêutico.

Clarear e compreender este item vem do fato de saber o poder que a música tem. Segundo Ricardo Oliveira na obra – “Música, Saúde e magia “ “muito pouco de fato se tem acrescentado ao que sempre se soube sobre o uso da música, seus poderes, seus usos e desusos, suas ligações com as diversas tradições. A análise da natureza dos processos envolvidos, e principalmente, da semântica e da pragmática da linguagem musical. sendo ela então tratada de maneira simplista e estereotipada”. (OLIVEIRA, P. 251)

Nossa capacidade auditiva é seletiva, mas nossas células são ouvidos não seletivos, quando um som nos toca, toca por inteiro. Segundo McClellan, em sua obra “O PODER TERAPEUTICO DA MÚSICA”, “todos os seres humanos, ouvem os sons do mesmo modo com todo o corpo e o interpreta a nível cerebral e aí a experiência auditiva é única para cada ser, pois se torna então um processo psicológico, isto se dá a partir do momento que o som prende a nossa atenção: “Quando um som penetra a nossa consciência e decidimos dar-lhe atenção começa um processo psicológico de audição muito personalizado” “... A música resulta de nossos processos biológico, afetivo, cognitivo e espiritual e é uma atividade inerente ao homem. (p. 38)

## 2. DEFININDO TERMOS

*“Feliz aquele que transfere o que sabe e, aprende o que ensina” Cora Coralina*

Transdisciplinaridade

Musicoterapia ou música como terapia

Música em terapia - Relações de ajuda

### 2.1 MÚSICA COMO TERAPIA – MUSICOTERAPIA

A Musicoterapia é uma graduação de nível superior com duração de quatro anos, ou pós graduação. O Musicoterapeuta precisa ter conhecimento de musica, executar um instrumento musical pelo menos, ou cantar, e na faculdade sempre vai aprender o básico de alguns instrumentos musicais como no caso do formado pela FAP – FACULDADES DE ARTES DO PARANÁ, flauta, violão, piano e percussão, e ainda uma boa base de várias teorias da psicologia, anatomia e psicoacústica, técnicas de grupo etc.

Em musicoterapia o principal objetivo é ajudar o cliente a engajar-se ou relacionar-se com a música, o MUSICOTERAPEUTA, servindo como um guia ou facilitador que detém o conhecimento necessário para indicar a música ou promover a experiência musical adequada ao cliente, a música como foco da terapia, e ainda mais, ajuda o cliente a compreender as respostas emocionais que a música que ele, o cliente trouxe do seu intimo no momento terapêutico. A música exerce uma influencia direta sobre o cliente e sua saúde e serve como um agente primário na mudança pessoal.

MUSICOTERAPIA tem muitas definições, e as relacionadas abaixo são as que mais me identifico.

A primeira é definição de trabalho de BRUSCIA, 2000 onde: “Musicoterapia é um processo sistemático de intervenção em que o musicoterapeuta ajuda o cliente a promover a saúde, e/ou manter, utilizando experiências musicais, e as relações se desenvolvem através delas como

forças dinâmicas de mudanças”. (citado in . CAMARGO, Aparecida. Monografia de conclusão de curso FAP, 2002 pg. 21)

E a definição da FEDERAÇÃO MUNDIAL DE MUSICOTERAPIA, onde: “Musicoterapia é a utilização da musica e seus elementos (som, silêncio, ritmos, melodia e harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou um grupo, em um processo destinado a facilitar e promover comunicação, relacionamentos, aprendizados, mobilização, expressão, organização, e outros objetivos relevantes, a fim de atender necessidades físicas, mentais, sociais e cognitivas. A musicoterapia busca desenvolver potenciais e ou restaurar funções do individuo para que ele alcance uma melhor qualidade de vida, através da prevenção, reabilitação ou tratamento”. (citado in . CAMARGO, Aparecida. Monografia de conclusão de curso FAP, 2002 pg. 21)

## 2.2 MUSICA NA TERAPIA

BRUSCIA, 2000 propõe que: “A música pode ser utilizada na terapia ou como terapia, dependendo de quão intrinsecamente são as atividades” .(o.c. pg. 194).

A música na terapia é utilizada não por suas propriedades, mas para intensificar os efeitos da relação cliente/terapeuta em outras modalidades de tratamento, como; terapias verbais, massoterapia, nas relações de ajuda como aprendizado de habilidades específicas (motoras, senso rítmico, coordenação auditivo-motora) etc.

Em “Música na terapia”, o foco recai sobre a relação terapêutica, terapeuta/cliente – ou outras experiências que não musicais, a musica é o pano de fundo que facilita o foco.

Em “Música como terapia”, ou musicoterapia, a música está em primeiro plano, é dela, e a partir dela que acontece a relação terapêutica. Precisa da musica e do Musicoterapeuta. **Qualquer utilização da musica que não envolva um musicoterapeuta não é musicoterapia.**

Musica na terapia, ela a musica, é pano de fundo, facilitadora de outras técnicas terapêuticas.

## **Terapeuta**

Terapia ou terapeuta vem de *therapeuin*, termo de origem grega, e significa “dar assistência”, “cuidar de”, ajudar as forças naturais existentes em todo organismo para o processo de cura, (CAPRA, 1983. CITADO POR Camargo – monografia de conclusão do curso MUSICOTERAPIA FAP- 2002)

## **2.3 TRANSDICCIPLINARIDADE**

Edgar Morin (2000), afirma que “ um especialista que somente é especialista é um perigo para o mundo e para a humanidade”, esta fala tem o intuito de levar à compreensão do que seja transdisciplinaridade, a qual é a necessidade da união dos saberes no sentido de respeito à alteridade dos saberes e dos que utilizam desses saberes os seres humanos, como seres únicos e com direitos seja qual for sua verdade, religião, sexo, cultura, raça etc. de habitar esse planeta convivendo e contribuindo, respeitando e sendo respeitado pelas diferenças individuais e grupais, e ainda que os saberes sejam unidos cada um com suas especificidades para o bem comum sem julgamento ou valoração, mas em igualdade, para que a soma seja mais do que dois, sendo o produto da relação. Concluindo “A transdisciplinaridade é a busca do sentido da vida através de relações entre os diversos saberes (ciências exatas, humanas e artes) numa democracia cognitiva. Nenhum saber é mais importante que outro”. “... ela sugere a superação da mentalidade fragmentária”. (NICOLESCU, B. o manifesto da transdisciplinaridade. São Paulo; Trion, 1999.)

## **5 A MUSICALIDADE HUMANA**

*“sou um viajante e um navegador, e todo dia descobro um novo pais em minha alma. Amigo, tu e eu seremos estranhos nesta vida, estranhos um ao outro e a*

***nós mesmos, até o dia em que falares e eu te escutar, crendo que tua voz é a minha, até o dia em que eu ficar diante de ti acreditando estar ante um espelho”. Gibran in ‘o profeta” Martin Claret, 2004***

No início deste pensar pergunto, aprendemos primeiro a falar ou a cantar? A resposta é tranqüila, quando observamos um bebê primeiro ele canta e depois fala, há melodia em seus sons seja para se tranqüilizar, ahm, ahm, ahm... ou seus gritos e choros cada um com um timbre diferente pois, sempre com um desejo diverso. Somos seres cantantes, aliás, como tudo no universo... em tudo há movimento e se há movimento há som. E DEUS disse: Faça-se a luz... !!!! Tirou a luz da escuridão assim como tirou o som do silêncio, com sua voz... (este pensamento pessoal, afirmado em algumas bibliografias, e refutado por outras, em especial cientistas da linguagem).

Deixando de lado as digressões filosóficas Randall McLellan, diz ao citar Lama Govinda “todas as coisas e todos os seres produzem sons de acordo com sua própria natureza e com o estado particular em que se encontra. Isso ocorre porque são agregados de átomos que dançam e, por esse movimento, produzem som”. (MCCLELLAN, 1994, introdução).

Difícil ter um marco inicial no tempo para quando o homem emitiu a primeira frase musical, mas é certo que a primeira é aquela que o homem primeiro ouviu, e esta iniciou um processo de transformação, nele, o homem, pois o significado existe para aquilo a que se direciona a atenção.

MCCLELLAN, afirma que em praticamente todas as culturas existem lendas sobre a origem da música, e, todas elas lhe atribuem origem divina. Na continuidade ele afirma que o primeiro instrumento descoberto é uma ocarina e data de 10 mil anos a.C. tem cinco orifício, e “atesta uma música já florescente”. A espécie humana é datada de pelo menos 100 mil anos atrás, e neste período pelo menos oito mil anos nossos antepassados atribuíam poderes de cura à musica. Antes disto nossos antepassados por pelo menos 95 mil anos, atribuíam poderes mágicos ao som, “poder sobre o mundo dos espíritos”, “poder para criar e sustentar a vida humana”. As práticas esotéricas

da musica são responsáveis pela riqueza musical, suas estruturas, diversidade de linguagem e estilos musicais. (o.c. pg. 10).

Este autor ainda afirma que nestas culturas antigas acreditam “que há muitos níveis de entendimentos inerentes a cada som, e que o ouvinte percebe seu significado de acordo com seu nível de consciência espiritual. Os ecos dessa crença estão presentes ainda hoje nas culturas musicais esotéricas” (o.c. pg. 11).

Nesta obra citando pesquisadores do Egito, diz que a música tinha uma influência dupla sobre o homem, uma de natureza puramente física, outra criada ou mantida por seu poder conhecido como *heka* ou *hike*, semelhante a “encanto”. Outro pesquisador citado por este autor fala sobre a música chinesa, onde este povo acredita que o som tem o poder de manter a harmonia universal ou destruir, se usado inapropriadamente. “Nas culturas islâmicas posteriores os mesmos conceitos se destacam. Ibn Zaila (1048) afirmou que “o som produz uma influência na alma de dois modos; um por sua estrutura musical (ou seja, sua beleza estética), outro por sua semelhança com a alma ou seja, seu significado espiritual, na seqüência outro pesquisador falando dos sufis, dividiam as pessoas influenciadas pela música em duas classes – as que ouvem o som material e as que apreendem o seu significado espiritual” (o.c. pg. 11).

Como dizia o evangelista São João, ao falar sobre a criação em seu Evangelho, ‘No principio era o Verbo...’ O som.

Toda filosofia esotérica crê que toda a criação manifesta está organizada e é governada por um som raiz, palavras do autor citado. E, ainda acrescenta que na filosofia indiana “tudo está em movimento, toda matéria está se movendo e mudando suas formas e manifestando a energia que há nela. (...) O universo pode ser visto como uma teia indivisível em que as interconexões são dinâmicas”. (o.c. pg. 11) Qualquer ação, “ecoa no universo” desde um pensamento, que está longe de ser simples, até o som do bater de asas de uma borboleta, como afirma hoje a física quântica de Karl Pribram e outros.

Ainda com o mesmo autor (MCCLELAN), que afirma que tudo tem seu oposto, é a dualidade chinesa, Yin e Yang, o claro e o escuro, masculino e o feminino, são os opostos complementares, após um vem o outro e assim sucessivamente, um criando o outro após sua quase extinção, pois como o próprio símbolo de yin e yang, todo branco contém um pouco de negro e o negro um pouco do branco. Assim o silêncio dá origem ao som que volta ao silêncio, e isto é o que faz a música os intervalos de som e silêncio, a música mostra, materializa, como tudo parece ser e nada é, senão um vir a ser, a matéria tangível, será intangível em seguida, o som nos apresenta de forma concreta este aspecto do existir, pois ela nos influencia, nos toca, influencia nossos pensamentos e emoções, corpos físicos densos e o campo eletromagnético que nos rodeia. (in o.c. p. 10).

E ainda acrescenta, “os músicos, xamãs, sacerdotes, profetas e filósofos tinham um conceito filosófico comum – que a música representa um microcosmo da ordem do universo e segue leis cosmológicas e que, através da prática da música é possível entender melhor essas leis, bem como a inteligência por trás delas”. E na continuação ele diz que “o ritmo da música, por exemplo, refletia o movimento das galáxias, estrelas e planetas, do sol e da lua, o ciclo das estações, dias e noites, as marés e o nascimento e morte de nossas próprias células. A música era vista como a força que podia trazer a harmonia à mente e ao corpo do homem, à comunidade humana e finalmente, aos próprios corpos celestes, na sequência, temos, uma bela lenda hindu que afirma “A música era originalmente reservada apenas para os deuses, mas estes se apiedaram das lutas dos seres humanos e deram-lhes a música para aliviar seus sofrimentos. (in o.c. p 10).

Estes são apenas alguns exemplos de como a música permeia nossa história humana, e como sempre foi utilizada em todos os momentos da vida e com finalidades diversas como hoje ainda, e o autor conclui, que a partir dos relatos tem-se o reconhecimento do valor terapêutico da música e meio essencial de cura, houve duas abordagens diferentes. Uma combinou ritmo e melodia em canções criadas para propósitos terapêuticos específicos; suas raízes estão nas diversas tradições xamanísticas da pré-história. A outra empregou tons e fórmula mântica, específicas por suas qualidades vibracionais que eram aplicadas a partes específicas do corpo, as melodias na

medida em que são usadas, em geral são incidentais e de importância secundária. A primeira começa o processo curativo por influência sobre as emoções e a mente, para só depois passar ao corpo físico. A segunda trata, primeiro o corpo, através da ressonância, para depois afetar as emoções e a mente. (McCLLelan, 1994 introdução)

## 5.1 A MUSICA E O DESENVOLVIMENTO HUMANO

***“Balançar, música, a dança... mas, ai, para o toque de uma mãe desaparecida. E o som de uma voz que está muda!” Tennyson, in MONTAGU, 1988***

Agora que já percebemos o nascer do elemento humano e a sua busca para explicar os sons, a importância deles em nossa vida e no desenvolvimento humano como elemento curador, apaziguador e criativo proporcionando alegria e bem estar, vamos ouvir o desenvolvimento do ser desde a gestação a partir de quando o feto passa a ser afetado pelos sons, e quais as conseqüências da presença do som em seu universo íntimo.

Voltamos a estar com Ashley MONTAGU 1988, veremos que o balançar, a dança, e o som no ventre, são uma música clara, em bom som. Quer dizer dois corações tocando do som fraco para o forte, começando no fraco em ritmo binário simples e composto, sendo o som da mãe, a metade do som do coração do bebê uma vez que este bate o dobro de vez do coração da mãe, e um tanto mais suave, e ainda com um acompanhamento percussivo, produzido pelos sons peristálticos e do líquido amniótico, e ainda os sons da voz da mãe, do pai, importantíssimo trazendo a distinção entre grave e agudo, e de toda a comunidade em derredor desta, chegando via auditiva e pelo líquido onde ele, o bebê está inserido, poderíamos afirmar sem temor, o bebê durante a gestação mora em uma caixa de som. Os sons deste ambiente lhe chegam via pele, pois o som é movimento, é onda mecânica, assim sendo percute nos tecidos epiteliais e segue ao cérebro, e ainda a partir de dois meses segundo alguns pesquisadores, e para outros 5 a 6 meses, via conduto auditivo. Então toda esta gama sonora, que dissemos, é transmitida ao feto, no exato momento da concepção, ou talvez quem sabe... antes!

Complementaremos este assunto ouvindo BENENZON 1998, que afirma: “os fenômenos acústicos, sonoros, vibratórios e de movimento surgem desde o preciso momento em que o óvulo se une ao espermatozóide para formar o princípio de um novo ser. Nesse instante, existem infinitos processos que rodeia esse ovo que se aninha no útero, e que produzem, por sua própria dinâmica, movimento, vibração e som. Por exemplo, o roçar das paredes uterinas, o fluxo sanguíneo das veias e artérias, ruídos intestinais, sons de murmúrios da voz da mãe, (e do pai) sons e movimentos de inspiração e de expiração, movimentos mecânicos e de atrito, tanto viscerais, articulares, musculares, de processos químicos e enzimáticos, assim como o de muitos outros”. (BENENZON, 1998 pg. 13)

Todo esse mosaico sonoro genético herdado, fará parte do universo mental emocional, deste feto embrião, e depois o indivíduo, em todos os lances de sua vida. Composto segundo Benenzon, a identidade sonora deste ser humano, o ISO. (o.c. pg. 13)

Ouvindo MONTAGU, 1988 quando diz: “A sensibilidade tátil com que o bebê nasce já passou uma boa dose de desenvolvimento preparatório dentro do útero. Sabemos que o feto é capaz de responder tanto à pressão quanto ao som, e que os batimentos de seu próprio coração, a uma velocidade de mais ou menos 140 por minuto, e que o batimento do coração da mãe, numa frequência de 70, funcionam para ele como uma espécie de mundo sincopado de som. (...) o bebê está imerso no fluido amniótico e por aí recebe o sinfônico batimento de dois corações, (...) não surpreende saber que o efeito calmante de sons rítmicos vem sendo associado, à sensação de bem-estar que se presume existir dentro do útero, em relação aos batimentos do coração materno” (o.c. pg. 172).

E ainda as mães sabem intuitivamente que o bebê se acalma, acalentado no colo, e preferencialmente o seguram com a cabeça apoiada no braço esquerdo, bem onde o coração pulsa com maior intensidade, e ainda o balança, murmura para ele, suavemente para acalmá-lo uma canção de ninar “ele escreve de uma pesquisa “Toda mãe sabe intuitivamente que, a fim de pôr o filho para dormir, ela precisa balançá-lo, repetindo assim a dança nirvânica (do feto dentro do útero). A canção de ninar “dorme nenê” leva, sem empecilhos de qualquer espécie, a memória da criança de volta para o mundo que ela

acabou de deixar. O rock faz o mesmo para as crianças mais velhas. (...) isto não implica que a (*música*, acrescida por mim e não pelo autor), e a dança não represente mais que uma recordação regressiva, mesmo que, para a maioria de nós, ritmos sincopados, música e contraponto a intervalos regulares provoquem um anseio oceânico profundo e o desejo de receber a proteção maternal, que uma vez foi o mundo feliz em que vivemos”. (in MONTAGU, 1988 pg. 173).

O autor da pesquisa anterior, Dr. Merloo citado por MONTAGU, afirma ainda que, “A interação rítmica entre mãe e criança durante os momentos em que o bebê está sugando o leite do seio materno irá influenciar os interesses e humores rítmicos futuros do indivíduo. Afirma ainda, que privações na amamentação, ser levadas tardiamente ao seio, ou não ser em absoluto amamentadas, pode fazer com que os ritmos reprimidos venham ‘a tona de modo e em circunstâncias inadequadas”. (o.c. pg. 174)

Na continuidade este pesquisador, leva a um questionamento quando por observação percebeu que crianças frustradas na amamentação se retiram acabrunhadas pelos cantos, com um leve balanço e rodopiam leves no ar, como que desejando recriar o nirvana perdido precocemente. Ou jamais obtido.

Conclui ele, “toda vez que o ritmo, a cadência, a sincopa atingem o ouvido e o olho humano, a pessoa é tragada sem resistência alguma de volta aos próprios primórdios de sua existência. A pista para o contágio emocional é a inadvertida regressão comum pela qual todas as pessoas passam quando sons e ritmos especiais alcançam seus ouvidos. É por isto que batidas leves, chamamentos rítmicos, gritos musicais, o jazz são tão contagiantes” (o.c. pg. 174).

Percebe-se assim que a música cria e recria nosso mundo interno, e leva a concluir que a música longe está de proporcionar simplesmente relaxamento ou facilitar o que quer que seja ela, a música, nos toma e nos mostra nosso mundo interno, arranca os segredos mais profundos e nos expõe dançando a solidão de nossos sonhos ou frustrações.

## 6 ELEMENTOS DA MÚSICA

### 6.1 O QUE É MÚSICA?

PRIOLLI 1989, diz: “música é a arte dos sons, combinados de acordo com as variações da altura, proporcionados segundo a sua duração e, ordenados sob as leis da estética. (o.c. pg. 6).

Bohumil MED, 1996, em sua teoria da música afirma ser a música a arte de combinar os sons simultânea e sucessivamente com ordem, equilíbrio e proporção dentro de tempo.

Ou o que chamamos de música, para os padrões do cérebro humano, a música possui três elementos essenciais segundo DUCOURNEAU e também para PRIOLLI – o ritmo, a melodia e a harmonia, todos constituídos de elementos básicos.

Ritmo, pelo andamento e o compasso;

A melodia, pelo som, pelos intervalos melódicos, as escalas, os modos;

A harmonia, pelos intervalos harmônicos, os acordes, as cadencias.

(DUCOURNEAU, 1984, pg. 33).

Mas o que é música, mesmo? “É todo um mundo de fenômenos acústicos e de movimento, segundo Benenzon, em “Teoria da musicoterapia”, que envolvem e tornam possível o fenômeno musical”. Acrescentaria que é o que o cérebro faz e como interpreta esses fenômenos. Para o musicoterapeuta, “os acontecimentos separados, também servem aos efeitos terapêuticos, tanto mais que o fenômeno musical propriamente dito” .(o.c. pg. 12).

Na continuação BENENZON, 1998 afirma que a música é arte e ciência, como o homem descobriu o som musical? A natureza foi e é a grande musa e mestra da música, o homem só precisou aprender a ouvir e ligar os sons, buscando imitar através da voz e criando artifícios para recriar, o seu bel prazer. Ele conclui; “A música é algo que acontece no ar” (o.c. pg. 12).

Redfield, citado por Benenzon, diz que: “... A música utiliza, pois, oito fatores: melodia, harmonia, ritmo, forma, tempo, dinâmica, timbre e cor. Mas os utiliza de uma forma particular, com a finalidade de que o produto, uma vez terminado e composto desses oito fatores, satisfaça certa condição muito

definida, ou seja, que o produto seja belo”. (todas as citações são da obra; Teoria da Musicoterapia. De Rolando BENENZON, 1998. Summus ed. São Paulo. Pg. 12).

“(…) a música torna a vida melhor através de um poder a ela inerente – com a condição importante de que controlemos a música e não permitamos que eventuais controladores nos controlem!”. (STEWART, 1987 pg. 21)

### **6.1.1 Ritmo**

Para Platão, o ritmo é “a ordem no movimento”. Bohumil MED, 1996 determina que o ritmo é a ordem e proporção em que estão dispostos os sons que constituem a melodia e a harmonia”.

Isso lembra os ritmos biológicos, (ou da natureza), onde acontecimentos idênticos se reproduzem em tempos regulares. Portanto RITMO pode ser definido pelo período, (intervalo de tempo entre dois acontecimentos idênticos) e pela frequência (numero de períodos por unidade de tempo). Temos então dois componentes a periodicidade e a estruturação. A estrutura rítmica então é temporal, e este fato transforma a simples percepção em uma “experiência muito complexa” (o.c. pg. 33).

Segundo o autor, citando Willens, diz que este tem razão em afirmar que o ritmo é “um elemento de vida, e particularmente de vida fisiológica, cuja breve prática está no corpo. O andar, a respiração, a pulsação.

PRIOLLI 1989 sintetiza, o **ritmo** é o movimento dos sons regulados pela sua maior ou menor duração. (o.c. pg. 6)

### **6.1.2 Rítmica**

Rítmica é a ordenação do movimento, é o compasso do movimento; é um meio de medida. (oc. Pg. 34) citando Willens; a regularidade rítmica gera uma indução motora, e o movimento gera a dança, o canto e a música instrumental.

Alain Daniélou, ainda na obra citada diz :”a rítmica deve ser um impulso interior; ela precisa ser vivida, sentida ou então será imprecisa e ineficaz”. E na continuação temos que o ritmo tem relação com o corpo, e facilita a compreensão da diferença entre compasso e ritmo: o ritmo é sentido, e o

compasso é analisado. Por exemplo, a diferença entre o ritmo binário e ritmo ternário é que um é pendular, e o outro é rotativo.

“A chave do desenvolvimento rítmico deve ser procurada na sensação do tempo que passa” segundo o autor, os povos primitivos assim como as crianças não têm noção exata de tempo, mas a música é uma experiência completa e vivida sobre o tempo. Esta noção fica mais evidente na melodia, na qual, uma nota vem após a outra. O ritmo mostra a relação espaço tempo, por intermédio do movimento. “Ele serve-se do espaço por meio de um de seus elementos: a intensidade (basta bater palmas para perceber isto); e serve-se do tempo por meio de outro elemento a duração”. (o.c. pg. 35)

### **6.1.3 Andamento**

Segundo Stern, cada homem possui um andamento pessoal espontâneo, o autor citado anteriormente afirma que existe diferença no andamento interindividual, mas no individual a variação é mínima, e este andamento pode ter uma medida por um termo matemático, mas na realidade é um estado afetivo que expressa um estado emocional. O andamento é uma característica de dimensão individual. O autor conclui e isto para esta pesquisa é muito relevante, “o ritmo musical é um dos principais recursos para a expressão de sentimentos. todas as indicações utilizadas para designar os movimentos musicais são na origem, afetivas”. (o.c. pg. 35).

## **7 A MELODIA**

PRIOLLI 1989 resume, “A melodia consiste na sucessão dos sons formando sentido musical”. (o.c. pg. 6), MED, 1996 afirma: “melodia é o conjunto de sons dispostos em ordem sucessiva (concepção horizontal da música). MED, 1996 afirma ser conjunto de sons em ordem sucessiva (concepção horizontal da música).

## 7.1 O SOM

Para início de conversa “a música é a relação entre os sons e não o próprio som” (...) são os intervalos que fazem a música. (HOWARD,1984, pg. 6).

Para complementar DUCOURNEAU, (1984) afirma que: “da mesma forma que nossos outros sentidos, o ouvido capta um fenômeno vibratório. O som é uma sensação de altura tonal, que se produz no caracol do ouvido. É um fenômeno fisiológico. E acrescenta ainda “a impressão sonora é subjetiva”. (...) “A impressão sonora depende do instrumento”, a classificação do mesmo depende de conhecimento anterior do ouvinte, quem nunca ouviu um violino ao ouvi-lo não saberá o que é. (o.c. pg. 36).

Tecnicamente MED, 1996 afirma ser: “a sensação produzida no ouvido pelas vibrações de corpos elásticos. Uma vibração põe em movimento o ar na forma de ondas sonoras que se propagam em todas as direções simultaneamente. Estas atingem a membrana do tímpano fazendo-a vibrar. Transformadas em impulsos nervosos, as vibrações são transmitidas ao cérebro que as identifica como tipos diferentes de sons. O som só é decodificado pelo cérebro”.

Para melhor compreender temos ainda a definição de Robert Jourdain, em sua obra “Música, cérebro e êxtase”. Onde ele define o som para a Física como sendo vibrações e para a psicologia como sendo uma experiência que o cérebro extrai do seu meio ambiente. Para o físico é energia, para o psicólogo, informação. (JOURDAIN, Robert. Música, cérebro e êxtase. Objetiva ed. Rio de Janeiro, 1998 pg. 29).

## 8 CARACTERÍSTICAS DO SOM

### 8.1 Intensidade – altura – timbre – duração

**8.1.1 A intensidade** depende da amplitude das vibrações, do movimento, implica em noção de espaço, MED, 1996 afirma ser determinada pela força ou pelo volume do agente que as produz. É o grau do volume sonoro. (pg. 12).

**8.1.2 A altura** depende do comprimento e da frequência de onda; ela é que fornece o elemento melódico e as possibilidades harmônicas. Ela será percebida conforme variar a intensidade. “o aumento da intensidade eleva a altura dos agudos e baixa a dos graves’. A altura do som é determinada pela posição da nota no pentagrama (pauta onde a música é escrita, composto de cinco linhas e quatro espaços), e pela clave, (sinal que está escrito no início do pentagrama), a alternância de notas de alturas diferentes resulta em melodia. A simultaneidade de sons de alturas diferentes resulta em acordes, que são a base da harmonia. (MED, 1996, pg. 12).

**8.1.3 O timbre** depende da forma de onda. “É formado pelo som fundamental, a que se acrescentam os sons parciais (lei dos harmônicos). Portanto, varia de um instrumento para outro” é o que dá identidade ao instrumento, assim como diferencia uma voz da outra, o que dá identidade a uma pessoa. (DUCOURNEAU, 1984, pg. 36). MED, 1996 diz ser “...a cor do som de cada instrumento ou voz, derivado da intensidade dos sons harmônicos que acompanham os sons principais. Todo e qualquer som tem esses quatro elementos”. A alternância e a combinação de timbres diferentes resultam em instrumentação. (MED, 1996, pg. 12).

**8.1.4 A duração**, pela figura da nota e pelo andamento. A alternância de notas de durações diferentes resulta em ritmo.

## **9 A HARMONIA**

PRIOLLI 1989, “A harmonia consiste na execução de vários sons ouvidos ao mesmo tempo, observadas as leis que regem os agrupamentos dos sons simultâneos.

JORDAIN, 1998 nos diz: “enquanto os tons da escala são definidos como ramificações da primeira nota de uma escala, a harmonia é construída sobre ramificações de ramificações das escalas, e ramificações de ramificações. A harmonia é inerentemente complexa, inerentemente intelectual, inerentemente difícil”. Este autor afirma ainda que a harmonia é o último

aspecto da musicalidade a amadurecer (...) e algumas pessoas jamais alcançam a sofisticação harmônica”. (oc. pg. 161)

Para acontecer música, é imprescindível os três elementos: ritmo, melodia e harmonia. (o.c. pg. 6)

## **10 COMO NOSSOS OUVIDOS OUVEM O SOM**

Segundo ROEREDER, 2002 ouvir depende de fatores externos o meio onde o som acontece, a fonte sonora e o receptor. Vamos entender como nossos ouvidos recebem o som: temos a orelha, ou pavilhão auricular que funciona como concha acústica que recebe e conduz o som para o “tímpano, que capta as oscilações de pressão da onda sonora que atinge o ouvido e as converte em vibrações mecânicas que são transmitidas por meio da ligação de três pequenos ossos, (estribo, martelo e bigorna). O ouvido interno, ou cóclea, no qual as vibrações são classificadas de acordo com a gama de frequência, captadas por células receptoras e convertidas em impulsos nervosos elétricos. Em terceiro lugar temos o sistema nervoso auditivo, que transmite os sinais neurais ao cérebro, onde a informação é processada, apresentada como uma imagem de detalhes auditivos em certa área do córtex, identificada, armazenada na memória e eventualmente transferida para outros centros do cérebro. Onde ocorre a percepção consciente os sons musicais.

O autor citado DUCORNEAU, 1984, quando fala como funciona a percepção sonora, diz: “Todos os sistemas musicais se organizam com base em determinados fatos acústicos e psicofisiológicos. Seu princípio fundamental é a correlação entre as relações de frequência, timbre, volume, e o mecanismo audiomental que nos permite captar, classificar e interpretar o som”. “a música é feita não de sons, mas sim de relações sonoras, a forma melódica é tributária do ritmo, e não há melodia sem ritmo; ambos se completam. O som é predominante no canto; o ritmo é predominante na dança”. “O ritmo se caracteriza pelo movimento, que está também presente na melodia, uma vez

que os sons se sucedem com maior ou menor altura. A altura característica da melodia também existe no ritmo, que é sonoro”.

Continuando o autor afirma que a melodia tem relação direta com a afetividade; e pode representar uma vasta escala de emoções humanas. E também os impactos exteriores provocam reações afetivas. “Primeiro tem se uma reação instintiva ao impacto exterior, de agrado ou desagradado, e depois é que se dá o ouvir-escutar”, a pessoa escuta levada por um desejo ou uma emoção. (o.c. pg. 37).

## **11 COMO NOSSO CÉREBRO OUVI MÚSICA**

JOURDAIN, 1998 afirma que: “um motivo para ouvirmos música (...) é que nossos cérebros são capazes de manipular padrões de som muito complexos” “modelamos um padrão atrás do outro, sucessivamente – até chegarmos a um movimento de sinfonia. Tons sucessivos são ligados, para formar fragmentos melódicos e, depois, melodias inteiras e suas frases; em seguida, passagens longas. Tons simultâneos são integrados em intervalos que, por sua vez, integram-se em acordes, e estes em progressões harmônicas. Padrões de acentuação são mapeados como ritmos. Mudanças de intensidade combinam-se em crescendos e decrescendos. À medida que nossos cérebros codificam essas relações, surgem as sensações de som”.(...) “ouvir é ato de modelar essas relações”. (o.c. pg. 23)

Continuando com o autor, ele afirma que “são as relações entre as notas que fazem o corpo querer dançar. Essas relações – imponderáveis resistentes à observação, difíceis de descrever e classificar – é que são música, não as vibrações atmosféricas que os instrumentos musicais provocam. As moléculas vibrantes que transmitem a música para os nossos ouvidos não contêm sensação, apenas padrões. Quando um cérebro é capaz de modelar um padrão, surge a sensação significativa”. (o.c. pg. 23)

“Somos todos em graus variados surdos para alguns gêneros musicais, particularmente a música de culturas remotas”. (o.c. pg. 24)

“Quando a música se dissolve no êxtase, ela nos transporta para um lugar abstrato, distante do mundo físico que, normalmente, ocupa nossas mentes”. (pg. 24)

“compreender o ouvido é começar a compreender como a sensação do som é construída por uma mente”. Completando, compreender nossos ouvidos, a partir dos ouvidos de outros animais, “não racionais”, não sabemos se na verdade não raciocinam; “permite nos avaliar quão notáveis são nossos ouvidos”, de animais “racionais”. (pg. 24)

A orelha, é a parte externa de nosso aparelho auditivo e segundo JOURDAIN, tem a função de amplificar o som, ao vertê-lo, para o canal do ouvido que é a parte interna. “O som, inclusive o som musical, é alterado no instante que bate nas orelhas de uma pessoa porque elas enfatizam certas escalas de freqüência. Nossas orelhas são pequenas demais para refletir as ondas longas que constituem o som de baixa freqüência; impulsionam apenas os componentes de alta freqüência, com isso tornando a musica um pouco mais doce do que seria, de outra maneira”. (o.c. pg. 27)

Como ouvimos? Ao falar ou cantar o som viaja não apenas dos lábios para as orelhas, mas também diretamente através da cabeça, ate chegar ao ouvido interno. “Em certo sentido, você escuta a si mesmo duas vezes, uma delas através do canal do ouvido e outra através do osso. A condução pelo osso torna o som mais alto do que seria de outra forma, e muda o conteúdo da freqüência”. Por isso nossa voz gravada se faz quase irreconhecível para nós. A gravação contém apenas parte do som que normalmente escutamos de nossa voz. Ninguém nos ouve como nós nos ouvimos.

O som é o resultado da colisão de moléculas entre si. O ouvido interno é organizado de forma a transformar este impulso vibracional em impulsos nervosos, ele é extremamente delicado, por isso que a natureza no processo evolutivo o situou no osso mais duro do corpo, o osso pétreo temporal, são palavras de Jourdain, ao falar do ouvido interno. (...) “Nossos ouvidos internos são salões de concerto do nosso sistema nervoso, onde a música se desdobra diante de uma ansiosa platéia de milhões de neurônios”. A cóclea, exatamente o que o nome significa; caracol, uma câmara onde repousam fileiras

sucessivas de neurônios, numa complicada estrutura chamada o órgão de Corti.

“Depois de atravessar a orelha, o canal auditivo, tímpano, ossículos, músculos do ouvido médio e fluido coclear, a música encontra o sistema nervoso. O órgão de Corti é um agrupamento de neurônios especiais, chamados capilares, com uma célula capilar interna e três ou quatro células capilares externas, repetidas constantemente em todo o comprimento da câmara. Cada agrupamento tem mais sensibilidade para uma frequência de som diferente”. JOURDAIN, 1984 pg. 33.

Quando as vibrações da música passam pelo órgão de Corti, deixa o mundo do físico; o das vibrações, e passa para o mundo do psicólogo; o da informação.

Por ser este trabalho, a vinculação da música nas relações terapêuticas, e aqui especificamente os que trabalham diretamente no corpo, penso ser interessante esta análise que Jourdain, faz ao dizer que: “O toque nos chega através de metros quadrados de pele, a visão através de centímetros quadrados de retina, mas o órgão de Corti não tem mais do que uma fração correspondente a 1/250 de polegada. (o.c. pg. 34)

Na seqüência temos ainda na fala de Jourdain, que ouvir em hipótese alguma foi um desenvolvimento para o prazer, este autor afirma que ouvir foi um desenvolvimento da necessidade de luta ou fuga, ou para a caça ou para a defesa, então na fala do autor ele afirma: “Pode parecer estranho que o sistema auditivo se estenda diretamente até estruturas do cérebro ligadas ao controle dos músculos. Mas a prioridade, na natureza não é ouvir com atenção e interpretar, mas escutar e reagir simplesmente”. Esta fala nos leva diretamente ao objeto de nosso estudo, a música certa aliada à massagem, por exemplo interfere muito mais do que pensamos no emocional, afetivo, psicológico e as respostas motoras a estes estímulos é certo, uma vez que conforme percebemos, o sistema auditivo está diretamente ligado ao sistema motor e muscular, gerando assim respostas diretamente musculares, até independente do toque e da escolha musical, positiva ou negativa, relaxante ou de tensão, de acordo com os arquivos de memória acessados.

## 12 O PODER TERAPÊUTICO DA MÚSICA

Em “Música e Psique” R.J. Stewart afirma que: “já que a música é um poder físico, e não apenas; emocional, intelectual ou espiritual. O corpo reage diretamente a certas ressonâncias, timbres e ritmos, fato elementar bem conhecido e demonstrado pela ciência e pela medicina ortodoxa. Entretanto essas reações são tão complexas que é difícil controlá-las ou defini-las de maneira racional ou ordenada”. (o.c. pg. 31). Na seqüência afirma: “(...) E como está (a música) harmonicamente de acordo com a totalidade de nossa existência, o uso salutar da música estimulará e promoverá um corpo sadio”. (pg. 31)

Esse autor ainda afirma que: “ Nenhuma quantidade da melhor música do mundo poderá ativar plenamente uma corrente sangüínea cheia de drogas, de álcool ou de toxinas acumuladas devido a uma dieta pouco salutar. Contudo, os estímulos musicais podem nos ajudar a superar alguns maus hábitos, e os signos musicais elementares podem ser empregados diretamente para uma terapia branda dessa espécie”. (oc. pg. 32).

No item “Comunicação e terapia”, o autor citado diz: “O valor terapêutico da música são apenas manifestações diferentes de uma única energia mediadora e transformadora” (oc. pg. 34).

A música afeta o corpo físico? A resposta pode ser dada por TAME, 1984 quando diz: “(...) que a música afeta o corpo de duas maneiras distintas: diretamente, como o efeito do som sobre as células e os órgãos, e indiretamente agindo sobre as emoções, que, depois, por seu turno, influenciam numerosos processos corporais. Como indica o efeito indireto dos tons sobre a laringe, as melodias provocam a ocorrência de uma longa história de tensões e relaxações em muitas partes do corpo. Se o músico estiver tocando o seu instrumento, poder-se-á dizer também que ele está “tocando “ o corpo e a mente do público”. (oc. pg. 147)

Na continuidade esse autor apresenta a pesquisa do Dr. Tartchanoff sobre os estímulos sonoros os músculos do esqueleto, onde concluiu que: “1 – a música exerce poderosa influencia sobre a atividade muscular, que aumenta ou diminui de acordo com o caráter das melodias empregadas; e 2- quando é triste ou o seu ritmo é lento, e em tom menor, a música diminui a capacidade

de trabalho muscular a ponto de interrompê-lo de todo se o músculo estiver fatigado por um trabalho anterior. A conclusão é que os sons são dinamogênicos ou de que a energia muscular aumenta com a intensidade e a altura dos estímulos sonoros. Constatou-se que tons isolados, escalas, motivos e simples seqüência tonais exercem um efeito energizante sobre os músculos”. (oc. pg. 148).

### **13 A MÚSICA NO TEMPO**

STEWART, 1987 afirma que: “Na maioria dos períodos históricos dos estilos e da evolução musical, a música é gerada por uma interação entre grupos de ouvintes (o público ou os patronos) e os criadores individuais. Essa interação rapidamente se cristaliza numa série de fórmulas”. (o.c. pg. 36) “(...) a música tornou-se uma produção fabril, industrializada, (...) Essa produção mecanicista da música reflete uma condição geral de nossa cultura, manifestando-se através dos equipamentos eletrônicos de sintetização, gravação e reprodução de sons”. (oc. pg. 37).

E ainda falando sobre a música comercial e seu poder sobre o indivíduo o autor chama a atenção ao uso dado a ela; “a música”. Em “Música e Psique” R.J. Stewart afirma que: “já que a música é um poder físico, e não apenas emocional, intelectual ou espiritual. O corpo reage diretamente a certas ressonâncias, timbres e ritmos, fato elementar bem conhecido e demonstrado pela ciência e pela medicina ortodoxa. Entretanto essas reações são tão complexas que é difícil controlá-las ou defini-las de maneira racional ou ordenada”. (o.c. pg. 31). Na seqüência afirma: “(...) E como está (a música) harmonicamente de acordo com a totalidade de nossa existência, o uso salutar da música estimulará e promoverá um corpo sadio”. (pg. 31)

“A música age como um veículo para modos de percepção e conhecimento que simultaneamente transcendem e sustentam nossos padrões normais de consciência. A música pode reforçar esses padrões ou, mais raramente, rompe-los e demoli-los. Como exemplo cita a “música popular, em que o produto molda e reforça os efêmeros valores comercialmente

estereotipados dos consumidores” (oc. pg. 37) e que: “(a música popular comercial) ser superficialmente banal e trivial, mas tremendamente eficaz para moldar reações individuais e grupais. “Pode excitar o “classicista” ou “modernista” tão facilmente quanto o jovem consumidor que é o seu alvo” e na seqüência diz que ainda que resista e insista que não é influenciado em algum momento esses que resistem se perceberão movimentando os pés ou cantarolando uma frase melódica medíocre tirada de algum comercial de televisão. (oc. pg. 38).

Para início de conversa temos em “O som e o sentido” de José Miguel Wisnik, que: falando de John Cage, “nenhum som teme o silêncio que o extingue”. (oc. pg. 16)

## 14 SER TERAPEUTA

*"Agora os ouvidos dos meus ouvidos acordaram e agora os olhos dos meus **olhos se abriam.**"*  
Cummings

Parafraseando, PORCHAT, 1985, será dito que Ser (psicoterapeuta) é ser sigilo, inviolabilidade, de fatos e de emoções. É conter muitos outros em si e permanecer com tudo isso em solidão. Não há supervisão ou conversa com colegas terapeutas que elimine a marca do cliente no terapeuta. (pg. 11) e ainda na continuidade temos que “ser terapeuta é participar do trabalho de significar e re-significar a identidade de uma pessoa” (oc. pg. 16).

Todo ser que desenvolve atividade em relação com outro Ser humano deve ser flexível, e, ter a capacidade para passar de uma situação à outra com grande flexibilidade. (FREEGTMAN, 1986 in CAMARGO, 2002).

Estas falas nos apresentam o que o terapeuta, inclusive o massoterapeuta deve buscar nas relações de ajuda que desenvolve, ele é o ajudador, e o outro é o que pede ajuda. Perceber a necessidade e o cuidado para que os papéis não se invertam.

Este autor citado anteriormente, diz que: “No território da terapia, cada sessão é um novo encontro, reiteramos, não repetimos. (oc. pg. 175).

Outro elemento essencial no fazer-se cuidador é a empatia, para criar uma atmosfera de confiança e de participação, quando há empatia flui, os corpos vibram no ritmo em sintonia. Como criar empatia, que é o sentir-se no lugar do outro, o espelhamento é uma forma, e o que é espelhamento? É literalmente e naturalmente, seguir o gesto e o movimento do outro, sem grandes movimentações, pelo olhar, falar, os gestos, é imitar discretamente, e principalmente, criar sintonia através da respiração estes pensamentos são da Neurolinguística na obra “Introdução à neurolinguística. JOSEPH, 1995. (pg. 37).

***“Os corpos, as mentes e o meio integram uma grande orquestra. Como instrumentos, instrumentistas e compositores tocando a música maior, que é a própria existência”. (OLIVEIRA, 1996)***

JUNG, in Capra, afirma “O terapeuta deve estar o tempo todo atento a si mesmo vigiando o modo como está reagindo diante do paciente. Pois nós não reagimos somente com nossa consciência. Também devemos perguntar sempre a nós próprios: Como nosso inconsciente está vivendo esta situação? Cumpre-nos, portanto, observar nossos sonhos, prestar a máxima atenção e estudar a nós mesmos tão cuidadosamente quanto o fazemos com o paciente” (oc. pg. 355).

## REFERENCIAS

- BENENZON, Rolando. **Teoria da Musicoterapia**. [tradução de Ana Sheila M. de Uricoechea] S. Paulo; Summus, 1988;
- BRUSCIA, Kenneth E.. **Definindo Musicoterapia**. Tradução Mariza Velloso Fernandez Conde; 2ª ed.; Rio de Janeiro; Enelivros, 2000.
- CHOPRA, Deepak. **Corpo sem idade, mente sem fronteiras. A alternativa quântica para o envelhecimento**. Trad. De Haroldo Netto; Rocco ed. Rio de Janeiro, 1994.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de Mutação**. A ciência, a sociedade e a cultura emergente. Tradução Álvaro Cabral; Cultrix ed. São Paulo, 1982. 447 p.
- COELHO, Helena Wöhl. **Técnica vocal para coros**. 5ª ed. São Leopoldo, RS. Ed. Sinodal, 2001.
- COSTA, Clarice Moura. **O despertar para o outro. MUSICOTERAPIA**. S. Paulo; Summus, 1989.
- FREEGTMAN, Carlos D.. **O tão da musica**. Tradução de Priscilla Barrak Ermel; ed. Pensamento, São Paulo, 1986; -----
- Holomúsica: um caminho de Evolução Transpessoal**. Tradução Rolando Roque da Silva; ed. Cultrix, São Paulo, 1989;
- Musica Transpessoal; Uma Cartografia Holística da Arte, da Ciência e do Misticismo**; Tradução de Maria Stela Gonçalves; ed. Cultrix, São Paulo, 1989;
- JOURDAIN, Robert. **Musica, Cérebro e Êxtase**. Como a musica captura nossa imaginação. Tradução de Sonia Coutinho; ed. Objetiva; Rio de Janeiro, 1998.
- MONTAGU, Ashley. **Tocar: O significado humano da pele**. Tradução de Maria Silvia Mourão Netto; ed. Summus; São Paulo, 1988; 427 p.
- MACCLELLAN, Randall. **O poder terapêutico da musica**. Tradução de Tomás Rosa Bueno; ed. Siciliano; São Paulo, 1994. 231 p..
- OLIVEIRA Ricardo. **Musica, saúde e magia**; Teoria e prática na música orgânica. Record ed. Rio de Janeiro, 1996.

PORCHAT, Ieda et al. **Ser terapeuta**. Depoimentos. Summus ed. São Paulo, 1985.

STEWART, R.J.. **Musica e Psique**. As formas musicais e os estados alterados de consciência; Ed. Cultrix; São Paulo, 1987.

TAME, David. **O poder oculto da música**. A transformação do homem pela energia da música. Tradução Octavio Mendes Cajado. Cultrix ed. São Paulo, 1984.

RUUD, Even. **Caminhos da Musicoterapia**. Summus, ed. São Paulo, 1990, 107

WILHELM, Richard. **A sabedoria do I Ching**: mutação e permanência. Tradução de Alayde Mutzenbecher; e. Pensamento; São Paulo, 10ª ed. 1995.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**. Uma outra história das músicas. Ed. Companhia das letras; São Paulo, 1989.